

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
CURSO DE PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL - PROJETO PROFESSOR NOTA 10**

**CÉLIO PEREIRA DE NORONHA
CLAUDIA DE JESUS LIMA
CLAUDIA MARIA FRANCISCO FERREIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA NUNES**

**LITERATURA INFANTIL NA 1ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL COMO
FACILITADORA DA CONSTRUÇÃO DO SUJEITO**

**BRASÍLIA
2005**

**CÉLIO PEREIRA DE NORONHA
CLAUDIA DE JESUS LIMA
CLAUDIA MARIA FRANCISCO FERREIRA
MARIA DA CONCEIÇÃO DA SILVA NUNES**

**A LITERATURA INFANTIL NA 1ª SÉRIE DO ENSINO
FUNDAMENTAL COMO FACILITADORA DA CONSTRUÇÃO DO
SUJEITO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia - Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental - Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação - FACE - do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como parte das exigências para conclusão da disciplina Monografia II.

Orientador: Prof. Jorge Leite de Oliveira

**BRASÍLIA
2005**

Dedicamos a todos que colaboraram com o trabalho realizado e aos futuros leitores.

RESUMO

Diante das dificuldades encontradas em sala de aula nas escolas onde atuamos, nas atividades propostas, observa-se que a maior delas é em relação à leitura. Depois de feita tal observação e encontradas inúmeras dificuldades na nossa prática pedagógica, nos propusemos à realização desse trabalho de pesquisa que tem como tema: “Literatura infantil na 1ª série do Ensino Fundamental como facilitadora da construção do sujeito” esclarecendo e relacionando as dificuldades que os alunos da 1ª série enfrentam em relação não somente à leitura mas, à linguagem, comunicação e interpretação. Através de observações feitas nas salas de aula e questionários para que os colegas de trabalho respondessem citando quais eram suas angústias desenvolvemos esse trabalho tentando esclarecer alguns pontos fundamentais para que o processo ensino-aprendizagem aconteça da melhor maneira possível, mostrando sua fundamental importância na vida dos futuros leitores. A literatura infantil tem grande influência na formação na formação do ser social. É por meio de histórias infantis que se conhece o afetivo e o emocional das crianças. Sabemos também que alguns fatores negativos intervêm na sala de aula desmotivando os alunos a desenvolver a prática da leitura. Para que isso não ocorra é preciso que os profissionais em educação renovem seus conhecimentos, sempre buscando novas metodologias para que suas atividades pedagógicas sejam atrativas, criativas e interessantes, fazendo com que os mesmos se envolvam cada vez mais e tenham prazer pela leitura tornando assim leitores assíduos, críticos e participativos.

Palavras-chaves: leitura – informação – conhecimento.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 CONCEITOS E ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL.....	07
1.1 O que é literatura?	07
1.2 Origem da literatura infantil.....	09
1.3 A literatura infantil no Brasil	10
2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA.....	13
2.1 As fases do desenvolvimento da criança.....	13
2.2 Primeira infância.....	13
2.3 Segundainfância.....	14
2.4 Terceira infância.....	14
3 A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	15
3.1 A importância da literatura infantil na vida da criança.....	15
3.2 A influência do livro na alfabetização.....	17
3.3 A má influência da televisão.....	21
3.4 A televisão como colaboradora da leitura.....	21
4 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA.....	24
4.1 Explorando o livro de literatura infantil.....	28
4.2 A literatura como processo interativo.....	31
4.3 A literatura em si.....	32
4.4 A literatura como recreação.....	33
4.5 A prática da literatura de acordo com os PCNs.....	35
4.6 Dificuldades e facilidades do professor para trabalhar com a literatura infantil.....	35
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

A influência na literatura infantil é muito grande na formação social da criança. É nas histórias infantis que as crianças desenvolvem afetivamente e emocionalmente, tornando-se leitores capazes de transformar a sociedade através do senso crítico.

Com isso, precisamos investigar os fatores que desmotivam esse público a se envolver com a leitura e como poderemos fazer para que os mesmos se envolvam e tenham prazer pela leitura tornando assim leitores assíduos.

Escolhemos esse tema para ser desenvolvido pela experiência pedagógica que temos em sala de aula em relação à leitura por prazer. Percebemos o quanto é necessário à formação de leitores mesmo não sendo alfabetizados, exercendo assim o gosto pela leitura, pois ela desempenha um importante papel na aprendizagem.

Diante dos problemas surgidos no dia-a-dia das salas de aula, este projeto tem como finalidade relacionar as dificuldades que os alunos da 1ª série do Ensino Fundamental possuem em relação à linguagem, apresentando alguns fatores relevantes como as dificuldades de leitura e interpretação e comunicação. Dificuldades essas, que levam os alunos à não desenvolverem a linguagem como deveriam e apresentam ao profissional grandes obstáculos para o sucesso do seu fazer pedagógico.

Entretanto, teremos como objetivo, esclarecer sobre a importância e a praticidade de como se trabalhar a literatura infantil em sala de aula.

Investigando as dificuldades que fazem com que os professores não trabalhem a literatura infantil; apontando soluções para que esse trabalho seja valorizado; repensar a prática de se trabalhar a literatura infantil em sala de aula.

É importante que incentivemos os nossos alunos a essa prática da leitura que hoje em dia é tão pouco valorizada nas escolas, devido à falta de preparo dos professores também sejamos leitores para que estimulemos os educandos a viajar nesse mundo que transmite conhecimentos.

Os livros de literatura infantil são excelentes recursos didáticos e de fácil acesso, onde se podem trabalhar os diversos aspectos com interdisciplinaridade e o multiculturalismo, além de abordar os variados valores que são fundamentais na formação

do sujeito. Num mesmo livro pode-se abordar o tema que está sendo desenvolvido em sala, em todo um contexto.

A criança compreende que o livro infantil é como se fosse algo mágico, um brinquedo, e deve ter interação com ele, mesmo antes de saber ler e escrever, pois quanto mais cedo tiver acesso a esse material, maior será seu desenvolvimento no senso crítico, criativo e na linguagem.

É importante conceber a obra como fonte para criar o saudável hábito de ler e, com isso, ampliar os horizontes do conhecimento e do pensamento. Também é essencial que o professor sempre procure a abordagem que mais auxilia seu trabalho junto ao aluno, o que dependerá dos objetivos que definir para determinadas atividades de leitura.

A execução do projeto ora proposto se delineará em dois universos distintos que se completam: teórico e o prático. O teórico caracteriza-se de pesquisas bibliográficas junto a livros, Internet, revistas e quaisquer outras publicações relacionadas ao assunto.

A pesquisa delineará a confecção do projeto escrito que se distribuirá entre redação, montagem e digitação do mesmo. O prático se realizará por meio de aulas expositivas, orientações dadas pelo professor orientador e visitas a bibliotecas e a montagem do mesmo.

O curso que fazemos nos proporciona refletir e repensar como trabalhar literatura de forma interessante e interativa para melhor significado na vida de nossos alunos. Acreditamos que essa prática, esse novo olhar, se tornará um hábito na vida da criança dentro e fora da escola.

1 CONCEITOS E ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL

Diante do tema apresentado, vimos por meio desse trabalho salientar alguns conceitos e origens da literatura infantil, pois os mesmos podem ser vistos de várias formas, dependendo do ponto de vista de cada leitor e sua influência no imaginário das crianças.

1.1 O que é literatura infantil?

A designação infantil faz com que esta modalidade literária seja considerada “menor” por alguns, infelizmente.

A Literatura Infantil é, antes de tudo, “literatura”, isto é, mensagem de arte, beleza e emoção. Portanto, se destinada especificamente à criança, nada impede (pelo contrário) que possa agradar ao adulto. E nada modifica a sua característica literária se escrita para o adulto, agradar e emocionar a criança.

Principalmente os educadores, vivenciam de perto a evolução do maravilhoso ser que é a criança. O contato com textos recheados de encantamentos faz-nos perceber quão importante e cheio de responsabilidade é toda forma de literatura.

Nem tudo que circula como livro destinado à criança é, de fato, literatura infantil. Uma obra literária infantil é aquela que contempla aspectos relativos ao fantástico. A literatura infantil pode ser vista como um conjunto de obras nas quais a linguagem seja o essencial e não o instrumento para levar à criança a algo diferente de que exige seu mundo interior.

A literatura propicia uma reorganização das percepções do mundo. A leitura e a convivência com textos literários provocam uma transformação nos padrões e no desenvolvimento do ser crítico.

O contato inicial com a leitura não exige que a criança domine a escrita. A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, didática, instrumento de entretenimento ou para incentivar hábito de leitura. Este tipo de texto deve ser produzido pela criança que há em cada um de nós. Assim o poder de cativar esse público tão exigente e importante aparece. Tal atividade é vista como produtora de cultura, pois o ato de ler é um ato de conhecimento.

Os livros infantis preparam a criança para lidar com a vida, além de ser tesouros preciosos, capazes de levar o leitor ao mundo da imaginação, onde tudo pode acontecer e levar a criança a experimentar sentimentos como o medo, a solidão, a tristeza, a morte a felicidade. É nesse mundo de sonhos que a criatividade desabrocha.

Coelho (2000), falando da natureza do livro infantil, afirma que “a literatura infantil é antes de tudo, literatura: ou melhor, é arte: os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...” Portanto a literatura infantil é um fenômeno literário destinado às crianças, é comunicação, fonte de conhecimento e veículo de informação. Sendo assim, podemos concluir que ela exerce uma grande importância na formação de leitores críticos, participativos e atuantes na sociedade em que vivemos. O grande segredo é trabalhar o imaginário e a fantasia.

Ninguém sente prazer ou saudades do bê-á-bá, das cartilhas com montagens e desmontagens de palavras, mas sim das histórias lidas em roda, do teatrinho literário. Nesses momentos é que se estimula, aguça a criança a apreciar, as delícias que só a Literatura Infantil promove.

Não são as letras, as palavras que fascinam a criança, mas a história. O alfabetizando, assim sente-se “fiscado”, seduzido e sem perceber, constrói suas hipóteses de decifração e consolidação da leitura e da escrita nas primeiras séries de escolaridade. Afinal, a criança descobrirá que são as letras e as palavras as chaves para. Dessa forma, a Literatura Infantil é denominada como o conjunto de obras escritas, muitas vezes ilustradas, ou ainda só ilustradas, que são lidas ou apresentadas às crianças. O gênero abrange desde clássicos da literatura mundial até livros quase sem textos, compostos somente de ilustrações.

Os temas incluem contos de fadas, fábulas, lendas transmitidas pela tradição oral, aventuras, poemas e poesias, etc. Um critério satisfatório para distinguir o gênero, é o consumo: consideram infantis, obras que escritas ou não para crianças, são lidas e apreciadas por elas.

Como bem coloca Clarisse Beans sobre a importância da literatura infantil: “É incrível quantas coisas se aprende com a literatura infantil. E às vezes nem percebemos esse aprendizado de tão ocupados que estamos, curtindo a história”. Para complementar a importância desse instrumento na vida da criança Monteiro Lobato (1982) ressaltou: “Um país se faz com homens e livros”. Então, é só oportunizar para a criança descobrir como e quando que tudo começou?...

1.2 Origem da literatura infantil

As lendas e tradições folclóricas de todos os povos eram transmitidas oralmente de geração em geração e foram elas as fontes de inspiração da Literatura Infantil. Assim, o folclore se revelou um tesouro imenso de contos, tradições e lendas extraordinariamente semelhantes entre si nas mais diversas partes do mundo. Conhece-se, por exemplo, mais de trezentas versões da história da *Gata Borralheira*, na Europa, no Egito, na Índia e entre os índios norte-americanos.

A intenção pedagógica parece ter marcados os primeiros textos dirigidos às crianças, por meio de narrativas e fábulas. Na idade média os manuscritos lidos para os pequenos eram também voltados para a formação religiosa, como a vida dos santos.

Os primeiros impressos para crianças não tinham nenhuma intenção mais amena. Páginas coladas a um suporte, que a primeira vista podiam servir também de palmatória. Começam a ser usada em 1440 e continuam a aparecer até 1850. Além do ABC incluíam orações e ensinamentos morais ou políticos.

O impulso de contar histórias deve ter nascido no homem, no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar aos outros alguma experiência sua, que poderiam ter significação para todos.

A célula-máter da literatura infantil, hoje conhecida como “clássica”, encontra-se na novelística popular medieval que tem suas origens na Índia. Descobriu-se que desde essa época a palavra impôs-se ao homem como algo mágico, como poder misterioso, que tanto poderia proteger como ameaçar, construir ou destruir. São, também, de caráter mágico ou

fantasioso, as narrativas orientais, que se forjaram durante séculos antes de Cristo, e se difundiram por todo o mundo através da tradição oral.

A Literatura Infantil apareceu durante o século XVII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico, que persistem até os dias atuais. O aparecimento da literatura tem suas características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo “status” concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Sua emergência deveu-se, antes de tudo, à sua associação com a Pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converterem em instrumento dela.

É a partir do século XVIII que a criança passa a ser considerada diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta. O caminho da descoberta da literatura infantil, em nosso século, foi aberto pela Psicologia Experimental que, revelando a inteligência como elemento estruturador do universo que cada indivíduo constrói dentro de si, chama atenção para os diferentes estágios e seu desenvolvimento (da infância à adolescência) e sua importância fundamental para a evolução e formação da personalidade do futuro adulto, nas quais iremos citar mais a diante nesse trabalho.

1.3 A literatura infantil no Brasil

A iniciação da Literatura Infantil escrita no Brasil foi embalada por correntes de literatura oral, atraiu e atrai a atenção de poetas e escritores de vários países.

A Literatura Infantil no Brasil tem características bastante originais que combinam com as contribuições européias (portuguesa, africana e indígena).

A literatura oral trazida pelos primeiros colonizadores era narrada pelas avós, ou pessoas mais velhas que entretinham as crianças com, histórias com exemplo de um personagem de nome *Troncoso*, e outras do folclore português. A elas somaram-se as histórias das escravas negras, amas dos meninos brancos, histórias essas transmitidas de engenho a engenho.

O contato com a cultura indígena trouxe inúmeros elementos que vieram enriquecer esse imaginário. Figuras como *a Iara*, *o Minhocão*, *o Matitaperê* e muito mais.

Na literatura formal, predominavam as traduções de clássicos estrangeiros. A primeira reação veio por meio da literatura escolar, representada por obras como *D. Jaime*, de Tomás Ribeiro, *Tesouro de Leitura*, de Abílio César Borges e do *Jornal Infantil*. Destaca-se ainda *Ensaio Juvenil*, publicado em 1864, dirigido por acadêmicos paulistas. Em Salvador surgiu outro jornal infantil: *Livraria dos Meninos*.

Revistas infantis brasileiras aparecem em 1905, no Rio de Janeiro, titulada por *O Tico -Tico*, tida como a melhor da época. Foi publicada por mais de meio século, onde em suas mágicas páginas revelaram-se numerosos autores de livros infantis.

A Literatura Infantil no Brasil atraiu a atenção de poetas e escritores notáveis. Olavo Bilac traduziu em versos *Travessuras de Juca e Chico* e, em colaboração com o Coelho Neto, escreveu *Contos Pátrios*. Viriato Correia e João do Rio publicaram *Era Uma Vez...*, Obra que teve grande repercussão nacional.

Foi a partir da obra revolucionária de Monteiro Lobato, porém, que a Literatura Infantil Brasileira ganhou corpo e definição. Entre 1920 e 1930, Lobato criou não apenas uma história, mas todo o mundo povoado por criaturas que se misturam entre a verdade e a fantasia, o medo e a alegria, a vida e a morte, o bem e mal, o certo e o errado, o real e o imaginário...

Assim, a Literatura Infantil Brasileira marca-se com honra e glória, para o bem não só das crianças, mas também dos adultos com *O Sítio do Pica-Pau Amarelo*, onde o leitor participa de aventuras engraçadas e fantásticas com as crianças Pedrinho e Narizinho, onde essa menina é presenteada com a boneca mais sapeca de todos os tempos, feita de pano, mas que pensa e age como ser humano (fala, anda, brinca, inventa, apronta mil e uma traquinagens), a Emília, feita pela cozinheira negra mais especial de que já se ouviu falar, onde tem a arte de preparar doces e bolos deliciosos, a Tia Anastácia. E para enriquecer ainda mais esses personagens, aparece o Visconde de Sabugosa, feito de um sabugo de milho que mostra-se um grande intelectual. O autor conta ainda com o Marquês de Rabicó, um leitão humanizado, o Burro Falante. Para por ordem e a alegrar aparece a vovó Benta, dona do Sítio do Pica-Pau Amarelo, cenário de histórias mágicas e fantásticas, apimentadas com personagens inesquecíveis do folclore brasileiro: Saci-Pererê, a Cuca, a Mula-sem-cabeça, a Iara e muito mais.

As histórias de Monteiro Lobato são enriquecedoras, pois vivificam e imortalizam as culturas brasileiras, reinventando lendas, contos, narrativas históricas, embaladas pela imaginação e poderes fantásticos dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo.

Outro grande momento da Literatura infantil Brasileira foi o teatro de Maria Clara Machado, que em 1952 fundou com brilho *O Tablado*, grupo experimental que lançou as mais importantes peças da autora, entre elas, *Pluft, o Fantasminha*, (1955), onde conta uma aventura cômica, desenvolvida e caracterizada também como um hino à tolerância, composto do pequeno fantasma que tinha medo de gente.

Os livros infantis da romancista Maria José Drupé, especialmente *A Mina de Ouro* e *A Ilha Perdida* tiveram sucessivas edições e contribuíram para a formação de várias gerações de leitores.

Outro grande romancista com vasta obra dirigida às crianças foi Francisco Marins. Entre os poetas consagrados que dedicaram obras ao público infantil, conta-se Cecília Meireles com *Ou Isto, ou Aquilo* (1969), e Vinícius de Moraes, com *A Arca de Noé* (1970).

Nas décadas de 1970 e 1980 surgiu um quadro de renovação com o apoio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil que pesquisou a literatura existente promoveu concursos e programas de intercâmbio. É dessa fase a obra de Lúcia Bojunga Nunes, autora de *Os Colegas*, *Angélica* e *A Bolsa Amarela*, onde recebeu o prêmio Hans Christian Andersen, o mais importante do mundo, para a Literatura Infantil Brasileira.

É também época de Ruth Rocha (*Romeu e Julieta*), Ana Maria Machado (*Um Herói Fanfarrão e Sua Mãe Bem Valente*), Ziraldo (*O Menino Maluquinho*), Orígenes Lessa (*Tempo Quente na Floresta Azul*), Vander Piroli (*O Menino e o Pinto do Menino*), Sílvia Orthof, Mary França e muitos outros, além dos ilustradores Gian Calvi, Eliardo França, o próprio Ziraldo, Cláudio Martins, Rui de Oliveira e Ângelo Lago.

No Brasil, existem muitas e excelentes publicações de livros especialmente destinados às crianças, obras essas embaladas pela nossa história, nossa arte, nossa cultura e imaginação criadora.

2 O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Não podemos deixar de falar um pouquinho sobre as fases que a criança passa até que conheça o mundo das letras, da alfabetização em si, visto que é uma experiência transformadora, de palavra em palavra, que por sua vez é um veículo da literatura com o mundo atual em que vivemos.

2.1 As fases do desenvolvimento da criança

O caminho para a redescoberta da Literatura Infantil, pela Psicologia Experimental revela que a inteligência é um dos instrumentos estruturador do universo, como já foi citado no capítulo anterior. A sucessão das fases evolutivas da inteligência (ou estruturas mentais) é constante e igual para todos. As idades correspondentes a cada uma delas podem mudar, dependendo da criança, ou do meio em que vive.

2.2 Primeira infância

Essa fase vai desde o nascimento aos 3 anos de idade, ocorre a maturação, início do desenvolvimento mental, o reconhecimento da realidade pelo tato (fase da invenção da mão), a descoberta de si mesmo e dos outros, a necessidade de contatos afetivos, a descoberta das formas concretas e dos seres, começa a conquista da linguagem e também a fase da imitação do adulto, fase esta que requer muita atenção.

É importante refletirmos sobre os tipos de histórias mais adequadas as nossas crianças que se encontram nessa fase, também conhecidas como sensório-motor, segundo

seus interesses, as histórias devem ser rápidas e curtas, podendo ser inventadas, improvisadas, pois nesse período o que atai não é o conteúdo, mas aspectos como movimentos e tom de voz. Alguns dão preferências por fantoches e as histórias devem aproximar-se, ao máximo, das vivências da criança, que terá predileção por narrativas de bichinhos, brinquedos e seres da natureza humanizados. A música exerce grande fascínio também nessa fase.

2.3 Segunda infância

Essa fase começa nos 3 anos e vai até aos 6 anos de idade. Conhecida como a fase da fantasia e imaginação, apresenta o lúdico e o predomínio do pensamento mágico, aumentam rapidamente seu vocabulário, faz questionamentos, demonstra-se egocêntrico em algumas situações, não difere entre a realidade externa e os produtos da fantasia infantil; o tempo para ela não tem significação, a vida é o momento presente; apresenta noção de limites; já constrói textos curtos e elucidativos orais ou escritos.

2.4 Terceira infância

Conhecida como a fase do “Pensamento racional e da socialização” acontece dos 7 aos 11 anos, é o período em que Piaget situa o gradativo desaparecimento do infantil dando espaço ao pensamento racional. Normalmente é quando a criança descobre: o mundo das letras, da leitura, da escrita. A escola passa a ser um espaço vital e decisivo em sua vida. É onde a criança espera respostas para todas suas indagações e curiosidades. Começa a organizar seu pensamento lógico em formas concretas que permitem as operações mentais.

Nessa fase a realidade e a imaginação de bem se fundir, dentro de uma literatura adequada a cada idade desse período, proporcionando ao aluno perceber que seu ponto de vista está se transformando. De acordo com que os fatos vão acontecendo as inteligências e a afetividade são fatores dinamizadores na vida de cada um respeitando a individualidade.

3 A LITERATURA INFANTIL NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A literatura abre caminho para imortalizar a cultura, questionar o social, vivenciar emoções e situações alheias, por isso, a literatura é um dos instrumentos mais adequados e fecundos para dinamizarmos a formação cultural da criança.

3.1 A importância da literatura infantil na vida da criança

Por meio dos livros literários a criança sonha, cria, imagina interage com outras vivências e sentimentos diversos, aprendendo a se relacionar, a perceber e compreender o mundo interior e exterior, estabelecendo vínculos sociais com os outros, descobrindo a si, aprendendo a viver em sociedade e se preparar com tranquilidade para a vida adulta.

Muitas experiências literárias são inspiradas na vida cotidiana e reproduzem o cotidiano de forma atraente e natural, sem angústia nem culpa. É como experimentar dos medos, aventuras e histórias do outro sem conseqüências maiores. No máximo, vai chorar, alegrar-se, decepcionar-se, enfim, emocionar-se com as aventuras proporcionadas pelo livro de literatura infantil, pelos contos, pelas lendas e histórias. É perceptível constatar que, entre outros fatores, quantos adultos mostram-se inseguros, imaturos e amedrontados por não saber lidar com situações do dia-a-dia, sabiamente retratadas na Literatura Infantil com histórias fantásticas, fábulas encantadoras retratando situações diversas que se quando criança tivesse experimentado por meio das histórias infantis, estaria no futuro com maior maturidade psicológica para lidar, viver, amenizar, enfrentar e se necessário, transformar a sua realidade.

Vê-se aí que faz parte da infância não só lidar com brinquedos, desenvolver conceitos e conhecimentos diversos, indispensáveis, mas amparados para explorar o universo das histórias, contos, lendas, músicas expressos na Literatura Infantil. Pois, mais

que um simples hábito de ler, desenvolvendo o aspecto cognitivo, os livros de Literatura Infantil mexem, envolvem, fortalecem o ser psicológico que há em cada criança.

O contato inicial com a leitura não exige que a criança domine a escrita. A autêntica literatura infantil não deve ser feita essencialmente com intenção pedagógica, como um mero recurso didático.

Afinal, a literatura infantil é um instrumento artístico de expressão lingüística, cultural, produtora de sensações, mágicas com alto poder psicológico, social e lúdico. Esse instrumento é fundamental para a criança, deve fazer parte do seu dia-a-dia, das suas brincadeiras.

Para gostar de ler, a criança deve ter acesso a livros adequados ao seu grau de desenvolvimento. Isso não impede que aprecie obras de outras faixas etárias, desde que seja acompanhado, estimulado e orientado pelo adulto, que seja em casa, na creche, nas bibliotecas públicas, na escola. Experiência essencial que funde o prazer e o conhecer, proporcionados pelo fenômeno literário que precisa ser descoberto desde a infância. É um dos instrumentos mais adequados e fecundos para dinamizarmos a formação cultural dos novos.

Literatura é experiência vital transformada em palavras, é uma voz privilegiada que liga o homem aos outros homens e lhe permite um conhecimento mais profundo do mundo em que ele vive e atua.

Por isso, a literatura infantil propicia uma reorganização das percepções do mundo, aproximando a criança de outras vivências, culturas, experimentando os sentimentos mais infinitos e provocando transformações nos padrões e no desenvolvimento do ser crítico, do sujeito ativo e modificador do meio, de forma positiva, criativa de que a criança é capaz de ser, desde que seja estimulada emocional e intelectualmente pela literatura infantil, por meio da família e da escola.

Assim, como a exploração da literatura está quase desaparecendo nos lares das crianças, onde pais quase nunca lêem para seus filhos, é preciso que a escola reacenda no aluno e que este leve para casa o prazer da leitura.

Muitos pais se preocupam porque seus filhos lêem pouco. Dizem que eles só abrem um livro quando não há nenhum jeito de escapar. Ler sem ser obrigado pela escola, nem pensar! O que fazer?

É preciso que os pais questionem as suas próprias atitudes antes de cobrar da criança: Que exemplos de leitura seu filho tem em casa? Será que os pais mostram que

valorizam a leitura de jornais, revistas ou livros? Será que o filho é capaz de perceber os efeitos benéficos que a leitura traz?

Ler jornais ou revistas deixa-nos mais informados a respeito do mundo em que vivemos; ler literatura nos faz “viajar” sem sair de casa, permitindo-nos conhecer por meio das histórias, outras maneiras de lidar com os problemas da vida, ampliando nossa visão de mundo.

Os pais não devem obrigar os filhos a ler. O que eles devem fazer, é servir de exemplo. Devem também se interessar pela leitura do filho, procurando conversar sobre o que ele está lendo. A leitura sempre será mais enriquecedora se for seguida de uma conversa sobre o que foi lido. Mesmo com crianças pequenas é preciso fazer isso.

A família não pode esperar que somente a escola estimule a criança a ler. Os professores podem ajudar, mas a dificuldade em modificar o comportamento que as crianças trazem de casa é bem maior. Além do que, a criança não precisa ler só o que a escola manda. Os pais podem procurar outros livros, de diferentes assuntos, em bibliotecas, livrarias ou mesmo em sebos (lojas de livro usado).

Não importa tanto a quantidade de livros lidos pelo educando. O que interessa é a qualidade da leitura. Também não é preciso rigorosidade e cobrança exageradas para que a criança desenvolva o gosto pela leitura.

Como se vê, aproximar a criança da literatura não é só função da escola, não exige apenas os esforços dos pais, mas com certeza o elo de ambos contribuirá para garantir o acesso, a orientação adequada da criança na exploração dos livros de Literatura Infantil.

3.2 A influência do livro na alfabetização

O livro na vida de uma criança é de extrema importância, principalmente no processo de alfabetização, pois nela eles encontram oportunidades para construir seus conhecimentos, suas idéias e também na formação de seu saber.

Zilberman (1983, p.97) afirma que [...]” o livro foi o primeiro objeto produzido industrialmente em grande quantidade e segundo a divisão do trabalho e que o processo educativo escolhido coincidiu com a valorização da alfabetização”. Esta é concebida desde

então, como o patamar sobre o qual se implanta o conhecimento, que não se possa transmitir por intermédio do código escrito.

A questão é como fazer com que as crianças se envolvam com este material tão rico, mas, que precisa também de incentivo por parte dos adultos para que a criança reconheça isso.

Segundo Verne (1975, p.226 e 227), os livros são o único vetor possível da cultura, e que a única questão legítima levantada pelo problema de alfabetização é a de como fazer livros e informações livremente disponíveis para todos.

Zilberman, (1983, p.100) diz que:

O livro para a infância assumiu, desde a sua origem, uma personalidade educativa. Ao invés de lúdico, adotou umas posturas pedagógicas, englobando valores e normas do mundo adulto para transmiti-las às crianças. A literatura infantil confundiu-se com a própria escola, estabelecendo-se em consequência, uma relação simultaneamente, metafórica e metonímica entre a espécie literária e a instituição pedagógica: o livro tornou-se tanto o simulador da escola, por ensinar sempre uma atitude ou um saber à criança; e conformou-se em atuar como um instrumento do ensino, ao ser introduzido na sala de aula na forma simulada de livro didático.

Na verdade não há prazer e nem sentido para a criança quando se lê por obrigação e pressão da escola. A criança vê o livro como uma coisa maçante e forçada e que não contribui para satisfazer seu núcleo de interesse.

Em umas de suas obras Zilberman (1983, p.102) cita que:

[...] se a literatura é superestimada porque facilita a promoção de um tipo de conhecimento e de intercâmbio com o real conveniente ao sistema vigente, para o que concorre o auxílio do aparelho escolar, por outro lado, ela faz com que o universo da ciência se exponha a todas as camadas indiscriminadamente.

A mesma ambivalência pode ser averiguada nos modos como ocorre a prática de leitura. Ela denuncia o conflito entre a imposição de uma determinada ideologia, importante para o bom andamento do mecanismo social e suas vocações democráticas, inerentes aos resultados que propiciou.

É pelo exercício do ato de ler que se singulariza o leitor, e este se torna tanto mais saliente, quanto mais pessoal for seu procedimento no desempenho daquela atividade.

Nós professores precisamos repensar na nossa prática quanto ao trabalho de leitura com os educandos respeitando seus interesses, sentido e vida.

O ato de ler conquista uma nova dimensão que o alça a cima dos condicionamentos sociais e ideológicos segundo os quais foi incentivado. Se, com isto, o leitor é transportado para uma realidade fantástica, porque traduzida pela ficção, e esta também aponte que o conduz a uma compreensão mais ampla e plena de seu contorno.

A literatura infantil mais que qualquer outro gênero literário, é sensível às contradições experimentadas pela leitura. Tendo surgido alinhada a uma promoção especial da alfabetização e destinada a um público específico, a infância, ela não pode ser objeto de uma reflexão sem que se faça alusão do leitor.

Se a criação para a infância compete contrariar normas em vigor como vem sucedendo as obras de inclinação modernista, ela só pode fazê-lo se solidarizar com seu leitor, endossando a perspectiva deste e dialogando com a percepção que ele tem do mundo.

É imprescindível que se dissolva por inteiro a tensão entre texto e o leitor, porque se trata de seduzir o destinatário, o que ocorre quando a narrativa engloba o ponto de vista infantil, solidarizando-se a ele. O pacto com o leitor reforça a posição deste e conforma o núcleo peculiar de resistência especificando o espaço onde floresce a literatura infantil. E isto se faz pelo fortalecimento tanto do papel da criança como do papel da leitura, uma vez que esta última converte-se na condição de apreensão do universo dentro do qual o leitor pode expandir suas aspirações íntimas.

É por intermédio da leitura do texto solidário que se desencadeia a reapropriação do discurso infantil, cuja perda paulatina caracteriza o trajeto da criança na escola.

Cumprе enfatizar que a literatura infantil não supera o relacionamento dúbio que mantém com seu destinatário. Além de impor condições prévias para seu consumo, como a habilitação a leitura, o que não sucede com outras modalidades artísticas de expressão, é bastante permeável as convenções circulantes.

Seja na produção, seja na leitura, o livro para a infância está sujeito a um forte contingente de influências e compromissos, alguns pertinentes a natureza da literatura em geral, outros à peculiaridade de seu estatuto.

Quando a criança tem o contato com os livros mesmo antes de Ter uma vida escolar, o seu processo de alfabetização se torna mais acelerado e qualitativo. Com o apoio dos pais se torna mais fácil, pois a alfabetização não influencia somente o cognitivo mais o psicológico e afetivo.

Se a criança tem uma relação saudável com a família e também com o professor, com certeza ela encontrará motivação para vencer esta descoberta.

A escola é a instituição encarregada da alfabetização da criança; entretanto, o meio para a difusão da leitura provém de um setor mais amplo.

O segundo pólo é representado por outra instituição, a família, que igualmente explicita por intermédio de sua atividade a política, cultural que exerce, restrita esta, é certo, ao âmbito doméstico.

O livro assume a responsabilidade pela sua política, e este fato pode ser encarado tanto de modo externo, a propaganda que salienta as virtualidades do objeto, ou interno. É quando a ficção faz dos méritos da ficção seu principal assunto.

Na literatura infantil, este tema é fértil e permite que se examine a questão leitor sob um duplo prisma: de um lado, com se dá a representação da leitura pelo ficcionista e do papel do leitor diante do livro de outro, como a literatura para crianças no Brasil tem se posicionado perante tema de que depende para sua sobrevivência.

O prazer da leitura, oriundo da acolhida positiva e da receptividade da criança, coincide com o enriquecimento íntimo, já que a imaginação dela recebe subsídios para a experiência do real, ainda quando mediada pelo elemento de procedência fantástica.

Para envolver a criança na leitura é preciso primeiramente, analisar e descobrir qual é a sua maior motivação. O que lhe chama a atenção no momento. É neste sentido que o educador deve estar atento, de “antenas ligadas” quanto ao que lhe atrai.

A leitura localiza-se sempre numa zona intermediária: entre a realidade e a ficção, entre o ler e o viver, entre o viver e o escrever, sendo ainda o elemento palpável que impulsiona na direção da atividade predileta pela ordem, a ficção, o viver e o escrever. Entretanto a ênfase na leitura não pode ser pedagógica, porque lúdica e existencial, não impede uma valorização da oralidade. Não há distinção de grau e qualidade entre ler e ouvir.

Outra vez no âmbito da palavra escrita, tornada definitiva e irremediável, desencadeia-se nova tarefa: a de produção, se jamais as crianças relatam histórias, função exercida pelos adultos, elas podem escrevê-las.

Mergulhar na leitura, viver o imaginário é a peça chave para que o aluno se envolva com a leitura, encontre gosto pelo que faz. É uma tarefa complicada, as vezes, perceber qual é o seu interesse do momento.

Criança e literatura se identificam evidenciando-se que a recuperação de ambos depende da retomada da fala infantil, incluindo-se a sua oralidade peculiar. É quando a ficção a faz falar que seu sentido se complementa: é quando também o ato de ler alcança o seu significado integral, qual seja, a transitividade que o democratiza, permitindo o conhecimento do mundo, mas igualmente a exposição deste conhecimento.

3.3 A má influência da televisão

Hoje em dia é difícil envolver a criança coma literatura, pois em nossa sociedade elas são atraídas pelos meios de comunicação mais utilizada como: televisão, Internet e outros.

É nesse contexto que nos professores devemos estar atentos e buscarmos novos meios para não deixar que esses focos predominem e que a literatura torne-se alvo ultrapassado. As crianças de hoje, se constantemente não for envolvida com a leitura, ela com certeza encontrará atrativos na televisão que se não for controlada por um responsável, a criança reproduzirá para si o que lhe convém e é claro, que nem sempre o que se vê na televisão não é o melhor para ela. Por isso reflete até mesmo na escola onde causam problemas para os professores e pais de alunos, que não concordam com determinados pontos de vista.

Bloom (2003) aponta a televisão como responsável pelo desinteresse das crianças e dos jovens pela leitura por seu sofrimento diante do exercício de Ter que interpretar o que lêem. Para essa questão o referido autor busca explicações práticas:

[...] A era da informação tornou a tela mais importante. Filmes, televisão e computadores pessoais, começa a ser uma alternativa para o livro impresso, os obstáculos à leitura são, até certo ponto apenas uma questão de moda, ou de exemplos inadequados que os pais deram aos filhos[...] sou bastante antiquado e romântico para acreditar que muitas crianças, diante das circunstâncias certas, são leitoras naturais até o momento em que esse instinto é destruído pela mídia. A tirania da tela ameaça qualquer ordem na qual o valor literário e a sensatez humana ao fluxo constante de informação.

Uma coisa que é aconselhável é que os pais controlem e selecionem os programas eu seus filhos assistem, até mesmo as ciosas mais simples como desenhos animados onde podemos perceber que o seu conteúdo no seu pano de fundo transmite: violência, egoísmo, disputas, etc. ficar de “olhos abertos” evita futuros problemas e contratempos na vida de nossas crianças.

3.4 A televisão como colaboradora da literatura

A televisão é um meio de comunicação acessível na sociedade, sendo utilizada de

uma maneira adequada não é prejudicial. Nas escolas a utilizamos para enriquecer nossas aulas.

Segundo Xavier (2004 p. 216), para se usar um vídeo deve-se criar um clima favorável e um ambiente agradável que favoreça a concentração de todos.

Trabalhar com a televisão nas escolas requer uma preparação, um objetivo a traçar quando se trabalha um filme e claro, a apreciação prévia do professor para não haver um desfoque do conteúdo e dos objetivos a serem alcançados.

Xavier (2004, p.216) afirma ainda que:

[...] proceder a uma análise crítica, sem perder a seqüenciação das cenas, não é uma tarefa fácil para os alunos mais novos. Por isso, é necessária a intervenção do professor para provocar a curiosidade, ajudar na contextualização da história, dos fatos ou das cenas específicas.

Quando usado de uma maneira para dar um “toque especial” na aula esse meio de comunicação pode gerar uma grande oportunidade de expandir o conhecimento da criança e tornar a aula com significados e motivação.

“Diz que é equivocada a idéia de que passar um filme para determinada turma serve apenas para motivar alunos desinteressados e preguiçosos para o mundo da leitura. Obviamente, essa idéia precisa ser questionada, pois ela deixa de considerar o grande potencial que os filmes apresentam para potencializar a aprendizagem do aluno e ajudar a redimensionar a prática do professor. (XAVIER, 2004, p.224).

A televisão não pode ser utilizada como passatempo, enrolação, pois se não aproveitado adequadamente os alunos perdem o interesse e o professor acaba perdendo a oportunidade de explorar um fator importante da televisão que é a leitura de imagem e a prática de interpretação de mundo.

Xavier (2004 p. 225) alerta-nos para alguns cuidados didáticos ao, programarmos um filme. Um deles é propor a elaboração e textos, pois estes aprimoram a capacidade narrativa e descritiva, decodificam signos e códigos não-verbais, aperfeiçoam a criatividade artística e intelectual e desenvolvem a capacidade de crítica sociocultural e político - ideológico sobre tudo em torno dos tópicos: mídia e industria cultural.

A literatura não é somente decodificar, mas envolve todo um contexto e o que acontece nas escolas é que não há uma exploração devida do outro lado da leitura. E trabalho com a televisão nos dá uma visão melhor da importância da exploração da interpretação oral da criança.

As chaves de leitura e abordagem de cada filme devem ser construídos em conjunto pelo professor e aluno, partindo das próprias descobertas práticas na sala de aula visando promover uma aprendizagem significativa.

Xavier (2004, p. 228) cita que o uso de filme pode ser especialmente profícuo nas séries iniciais de escolarização, se forem observados alguns fatores, a saber:

- Crianças desenvolvem a habilidade de ler imagens em movimento desde cedo e são muito propensas a interpretar filmes, pois gastam um tempo considerável de seu lazer em frente a telinha da TV.
- Crianças aprendem, ao ver imagens em movimento, a compreender as convenções narrativas e prever possíveis desenvolvimentos na respectiva história o que lhes será benéfico nos primeiros contatos com textos escritos.
- Estímulo e o interesse da criança provocado pelos filmes podem incentivá-las a ler textos mais complexos.

4 A LITERATURA INFANTIL NA ESCOLA

A intenção da literatura infantil até mesmo no século XVIII era de doutrinas a criança para os valores na sociedade dos adultos, formar bons hábitos e desenvolver bons sentimentos. Ou seja, nunca se preocupavam em saber qual era o núcleo de interesse da criança. Os primeiros textos para crianças foram produzidos por pedagogos e professores.

As crianças de hoje estão envolvidas com a mídia e é nesse aspecto que nós educadores devemos nos ater e fazer um “camuflagem” para fazermos entende-las que a leitura é uma coisa muito importante para sua vida. Principalmente quando estão voltados para o que lhes chamam atenção.

Para Pazos (2004, p.256) a literatura aparece como:

[...]O grande problema da literatura infantil estar à serviço da pedagogia é que ela deixa despercebida como arte, pois seu objetivo é outro. Além disso, o autor perde ao deixar em segundo plano sua, habilidade em dialogar com a criança e sofre com a crítica especializada, que rejeita essa intenção pedagógica na produção literária infantil.

Quando se há uma preocupação em saber o que é envolvente e que satisfaz seus anseios, a criança encontra prazer e gosto pela leitura. Pois nem todos os livros de literatura infantil são interessantes para alimentar a sua fome de ler.

Pazos (2004) ainda afirma que:

[...] hoje em dia, em muitas escolas, a literatura infantil continua a ser pretexto para educar. Os pais simplesmente entregam seus filhos para a escola e se eximem de fazer um papel que é primeiramente a família que deve fazer que é a de “educar”, pois a escola dá um complemento disso.

Muitos desses pais acham que se a escola fornece livros para seus filhos é de meramente doutriná-los, ou seja, nada evoluíram em relação aos conceitos de educar de séculos passados.

No século em que estamos é necessários investigar o que é chamativo para a criança. Hoje já não são como as crianças de tempos atrás, que apenas liam sem expor suas idéias, sentimentos e emoções.

Livro hoje em dia é uma passagem que a criança tem que viver. Desenvolver o imaginário, alimentar suas fantasias. Se não for respeitado esse pressuposto é impossível lhe oferecer um livro para ler.

Para tanto, é importante Ter em mente que a função da escola é formar modificadores da realidade e a literatura tem importante participação nisso.

Claro que primeiramente os pais precisam reconhecer esta nova concepção de literatura para facilitar o trabalho do professor e também da escola.

A base da grande problemática é que os alunos não têm o hábito de ler livros, estão de fato na fase de alfabetização onde muitas vezes, o professor, devido as suas tarefas e responsabilidades, não tem um preparo para trabalhar em seus alunos a vontade de buscar e explorar os livros.

Mas não responsabilizamos somente o professor, pois ele está com o aluno apenas um pequeno período de tempo. Os pais também têm sua responsabilidade em formar em seus filhos o hábito da leitura. Como já foi comentado, se os pais criam tal hábito desde cedo, a criança vai se sentir mais disposta a ler.

Na fase inicial de alfabetização, nós professores devemos encarar o fato de que precisamos vencer o desafio de desenvolver habilidades de compreensão, interpretação, produção de textos orais e escritos, levando a aprender (criticamente) diferentes mensagens a partir do contato com as múltiplas linguagens e participação plena no mundo letrado. Um outro grande desafio é tornar nossos alunos letrados, ou seja, que apenas não aprendam a decodificar signos lingüísticos mas que compreenda o contexto lido.

Salviano (2004, p.137) leva-nos a refletir que:

[...] o aluno não é apenas um ser em desenvolvimento cognitivo, mas um ser real, com vida e problemas próprios de sua realidade que procura interagir com as pessoas que estão a seu redor. Ele é um ser historicamente, com os quais vai apreendendo a realidade e (re) elaborando as significações de seu contexto.

Nas escolas, para se trabalhar a literatura precisa-se de estar ligado ao conteúdo que o professor está ministrando para que tenha um significado real ao aluno.

Muitas vezes é trabalhado aleatoriamente, sem um objetivo, claro que quando há uma parceria entre conteúdo e o livro que o aluno lê, vem o que realmente se almeja, o prazer pela leitura e o lazer.

É papel do professor despertar na criança esse sentimento de prazer, promovendo momentos e oportunidades de conhecimento no mundo da ficção e da fantasia. Criar um ambiente motivador, um momento para se ler, propiciando o envolvimento do leitor com a leitura. O professor precisa fazer um verdadeiro malabarismo para que a criança reconheça que a leitura não é algo obrigatório, mas prazeroso e que dá asas à sua imaginação.

Aprender a ler e escrever envolve variadas formas de pensamento e de ação por parte da criança, do jovem e do adulto, por isso o professor deve partir da realidade, do seu mundo e conquistá-los para falarem a respeito. (SALVIANO, 2004, p.138).

Estimular a criança a ler requer estratégias, muito estudo e pesquisa para se alcançar bom êxito. Jamais devemos pensar que não temos tempo e nem recursos para buscar novas alternativas. A alfabetização é uma área na educação muito abrangente e difícil de se lhe dar. É preciso está consciente de que mesmo com tanto estudo e empenho que o professor tem, aparecem novos desafios e barreiras a vencer.

Salviano (2004, p.138), diz que:

[...] na fase da alfabetização o meio de expressão do aluno pode variar: a música, as brincadeiras, o canto, a sua expressão corporal e a dos colegas, ou com quem vive, a mímica, o desenho, a pintura, jornais, gráficos, textos e milhares de situações para estimulá-lo.

Buscando vencer esses desafios, podemos alcançar excelentes resultados.

Buscar, correr atrás, trocar figurinhas com os colegas de trabalho, pode ser uma ótima sugestão e um caminho para o sucesso na formação de futuros leitores. Todas as expressões de autores citadas acima, são áreas que cada aluno domina e que torna o trabalho em sala de aula algo rico e proveitoso para ambas as partes.

Constantemente deve haver uma preocupação em como trabalhar um livro de literatura infantil, como a criança está se familiarizando com o mundo das letras. É importante que o professor selecione livros que estejam no ritmo de cada criança para que a leitura não torne exaustiva e angustiante.

Nesta fase inicial, a capacidade de o aluno “enxergar” o texto será pequena e seu ritmo lento. Com a evolução individual e coletiva das práticas da leitura e da escrita, eles aumentarão sua capacidade de forma gradativa.

Uma coisa muito importante é além de trabalhar a leitura do livro é explorar o mesmo de forma descontraída e dinâmica para que a criança viva as emoções do contexto da história lida. Investigar a bagagem que criança traz de seu lar é um ótimo meio para fazer um planejamento eficaz capaz de não deixar o seu trabalho frustado, e além disso, alegrar e fazer com que a criança venha e saia satisfeita da escola.

Segundo Kleiman (1986, p.13), é necessário lembrar que, neste processo, o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o lingüístico, o textual, de mundo, que os leitores conseguem construir o sentido do texto. O que também ajuda a

estimular os alunos a gostarem e Ter mais empenho na leitura é o contato com seus colegas, pois principalmente com aqueles que já dominam um bom desenvolvimento na dicção. Importante salientar a participação do professor nessa fase, ler para os alunos historinhas pode fazer com que esses despertem sua cognição, e a admiração por alguém que lê algo para satisfazer seus desejos e curiosidades, só vem a contribuir para com os leitores futuros. Os livros devem Ter muitas ilustrações e uma linguagem simples para que se envolvam e passem a gostar de ler.

Enfatiza Abramovich (1994, p.16) que: “(...) o início da aprendizagem para ser um leitor é Ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo”. É necessário que cada aluno participe das experiências vividas em sala de aula, no que diz respeito a produção oral e escrita para que sintam e percebam as diferentes funções da escrita e a adequação da linguagem necessária a cada situação comunicativa. Essas experiências em sala de aula ajudam o aluno a querer trilhar o caminho inexplorável que é a leitura não somente na escola mas em tudo que está ao seu redor. A escola deve garantir aos alunos que busquem o significado de ler e escrever de forma que torne real para o seu cotidiano e não meramente o que se pode fazer somente na escola.

O diálogo com os alunos é a melhor forma de construir as práticas de leitura que deve ser bem explorado envolvendo várias áreas como movimentos, texto, imagens e outros aspectos. Pois todas essas áreas devem facilitar o caminho da leitura e da escrita. Neste sentido aprender a ler e escrever como já foi dito antes não é decodificar mas envolve e depende dessas áreas de conhecimento.

Freire (1985, p.39), salienta que:

[...] a literatura de mundo é um tipo de leitura que perpassa as demais áreas do conhecimento pelo contexto social, possibilita ao sujeito tecer novas leituras e transformar dinamicamente a relação que se tem com o conhecimento”.

Essa leitura a que se refere envolve três aspectos como: prática de leitura de movimento, prática de leitura de imagens e de textos. Trabalhar o movimento significa viver, aprender, conquistar a imaginação e abre alas a novas descobertas. Alfabetizar a criança através de pintura, música e utilizando várias linguagens, as aulas tornam-se prazerosas e divertidas. Quanto aos textos podemos utilizar brincadeiras como cantigas de roda, parlendas, adivinhações, trava-línguas e repentes. A nossa prática em sala de aula torna-se viva quando planejamos as atividades com o objetivo de aguçar o interesse das crianças. Oswald (1996, p.14), cita que “desse modo a sala de aula deixa de ser o espaço

no qual sujeitos cognoscentes interagem com o objetivo do conhecimento e passa a ser o lugar onde interlocutores se encontram para interpretar suas leituras e escritas.

4.1 Explorando o livro de literatura infantil

Percebemos assim que desenvolver o gosto pela literatura pela criança na escola vai muito além de ter uma biblioteca imensa, uma caixa lotada de livros, uma videoteca recheada, mais professores que também praticam o prazer de abrir um livro, de devorá-lo com os olhos, de explorar a literatura como sujeito maduro e consciente da função literária na educação. O exemplo da criança que pega o seu professor rindo baixinho, marejando os olhos de emoção com uma história, levando-a a ter vontade de ler, de sentir, de experimentar as sensações que só uma boa literatura oferece.

Que ao invés de balas e doces, as crianças sejam presenteadas com belos livros, quem nem sempre custam mais caro, mas que fazem bem à alma. Que a criança seja convidada a assistir a uma peça teatral, que seja motivada a declamar poemas e poesias, que sinta fome e sede, vontade de explorar a literatura infantil, tão rica na escola e na vida de todos nós.

A biblioteca não é o único espaço pra explorar a leitura dos livros infantis, mas quando bem organizada e explorada traz ótimos resultados, levando a criança a sentir prazer em observar, escolher, folhear, pegar e degustar dos livros literários, pois por meio destes o educando, seja ele criança, jovem ou adulta podem experimentar vivências e sentimentos, histórias embaladas pelo mundo fantástico que autores fizeram no intuito de registrar, de expor e de deixar para as gerações futuras tanta bagagem cultural, viagem pelo universo da imaginação onde sentados na cadeira da sala de aula, a criança pode voar, criar, sentir, ver e viver o impossível.

Os livros infantis preparam a criança para lidar com a vida, sendo tesouros preciosos capazes de levar o leitor ao mundo da imaginação onde tudo é permitido e pode acontecer. Leva a criança a experimentar sentimentos como a solidão, a tristeza, a morte, a felicidade.

Por meio do mundo de sonhos dos livros é que a criatividade desabrocha, que a maturidade é cultivada, que a imaginação se desenvolve e que o leitor experimenta os mais

diversos sentimentos e emoções fundamentais para o seu crescimento sócio-cultural e psicológico como sujeito que vive, que pensa, que interage.

Como nos coloca João Ubaldo Ribeiro, em um trecho de suas recordações de infância:

(...) Os livros infantis eram brincadeiras como outra qualquer, embora certamente a melhor de todas. Quando tenho saudades da infância, as saudades são daquilo que nunca volta... dos meus olhos de criança vendo e o quanto se entonteciam aqueles livros! Sinto ainda o cheiro dos livros velhos, da navegação infinita pela palavra lida, contada pelos meus pais, criada ou ampliada pela minha imaginação...

Quando o professor vai ler um livro para a criança deve se lembrar de que todo texto literário se assemelha a uma música, a uma partitura musical e as palavras são as notas.

Dessa forma, aquele que lê um livro para a criança, deve ser portar como um artista. Deve surfar sobre as palavras e a beleza vai despertar o imaginário de quem ouve.

Dá-se aí a importância do preparo que o professor deve fazer antes de ler ou contar histórias infantis para seus alunos. Naquele momento especial, sua voz deve sair como se cantasse, sem exageros, mas com doçura e sentimento, sentindo-se possuído pela arte literária.

O professor tem o poder de dar vida às histórias infantis, contando, representando, lendo e respeitando o texto, o enredo para não prejudicar a originalidade da história, atentando-se para:

- ler anteriormente a história para evitar tropeços na voz e outras surpresas mais;
- ler num ritmo pausado, nem tão rápido, nem tão lento;
- apresentar um tom de voz equilibrado, que não agride a audição das crianças, mas que seja ouvida por todos;
- não inventar o que não está escrito, não omitir ou trocar palavras, subjugando a capacidade da criança de compreensão;
- selecionar a história à fase de desenvolvimento da criança;

Por isso, o professor é um dos grandes responsáveis por cultivar o gosto do educando pelos livros, pelas histórias, pelos recursos literários.

Se os jovens não gostam de ler, a culpa não é deles. Foram forçados a aprender tantas coisas sobre textos: gramática, preenchimento de ficha literária, parágrafos que não houve tempo para apreciar a beleza das histórias literárias infantis. O aprendizado da anatomia do

texto impede que se aprenda e se absorva a sua erótica. E esse aprendizado se inicia antes que as crianças saibam as letras.

Sem que elas saibam as letras, o seu corpo e sua alma já são sensíveis à emoção que mora nas histórias contadas, narradas, ouvidas ou lidas nos livros de literatura infantil.

Só assim, as crianças passarão a devorar com apetite estorpecedor os livros, abrindo os olhos ao mundo e suas aventuras, podendo voar com as asas da imaginação.

O professor pode e deve degustar dos momentos de leitura. Só assim, sentir-se-á apaixonado pelos livros, pela arte da leitura, crescerá como educador, como pessoa, como sujeito criador e deixará a criança que existe dentro de si voltar a vibrar com as histórias literárias dos livros. Só se educa de forma madura e consciente para a leitura se praticar essa consciência no ato, no hábito de ler sempre.

Portanto, é lendo que se aprende e se envolve nas emoções e sentimentos que uma boa história libera. Nos livros infantis é possível ainda posicionar-se diante dos valores éticos ali embutidos, entendendo o outro, a si e o mundo em que vive.

Dessa forma, o gosto pelos livros e pela literatura infantil deve ser estimulado dia-a-dia pelo professor, no convívio escolar, numa época de tecnologias tão alucinantes. Afinal, é certo que ler histórias é uma habilidade básica, o ponto de convergência entre vários saberes.

Por meio das histórias infantis, as crianças desenvolvem-se interiormente, tornam-se leitores críticos e, portanto, capazes de compreender, transformar e, porque não reeditar a realidade.

Castro Alves sabiamente dizia: "Bendito é aquele que semeia livros, livros à mão cheia...E manda o povo pensar."

O apreciar do livro só ocorre se a criança interagir com uma literatura de qualidade e com o exemplo de leitores maduros que, lendo com ela e para ela, lhe permitem familiarizar-se com a literatura. A escola pode e deve ser esse ambiente. O professor será o elo, a mediação entre a criança e o instrumento literário, seja ele o livro, o filme, o cordel, a palavra cantada.

Redescobrir o papel do professor nessa caminhada cultural é a chave para tornar o ensino verdadeiro, com aprendizagens significativas da criança como um todo.

4.2 A leitura como processo interativo

A leitura em si é uma atividade social que só pode ser compreendida quando ocorre uma interatividade, onde quem lê é uma pessoa que vive e sente na pele o que o autor quer transmitir.

Em sala de aula deve haver um clima para que esse importante fato aconteça. O texto não é algo pronto e já organizado, mas sempre uma construção de significados dentro da realidade da leitura em que está sendo realizada na atividade.

Ler é uma tarefa em que deve haver compartilhamento e não uma tarefa isolada, dispersa. A criança quando está lendo ela constrói seus significados, suas idéias e seus conhecimentos. Observa Kleiman (1989) que “[...] a leitura é considerada uns processos interativos, no sentido de que os diversos conhecimentos do leitor interagem em todo o momento com que vem da página para chegar a compreensão”. Podemos dizer que é uma verdadeira troca de idéias, novas descobertas entre o leitor e o autor da obra.

A leitura é de fato uma produção de sentido é uma prática que depende da necessidade, do interesse, do envolvimento em atividades sociais significativas, em resposta a uma busca.

Salienta Coelho (2004, p.42) que:

[...] ao conviver com textos, o leitor não só aprende a decodificação em si, mas também outros procedimentos necessários para o desenvolvimento de capacidades de leitura, de produção de significados que podem influenciar de forma decisiva na produção de textos dos alunos.

A leitura é interativa quando permite que os alunos partilhem entre si os conhecimentos que descobrem para que, comunicando-se uns com os outros, por meio do texto, onde constrói significados próprios, individuais e pessoais.

Quando estamos lendo sentimos a necessidade de conversar sobre o que lemos. Enfim, dependemos do ponto de vista de outro leitor. Na escola diante dessa situação, tanto os colegas de classe como o professor deve ser agente de comunicação com o texto. Neste aspecto, o professor vive a construção de significados, ou seja, ele divide conhecimentos e necessariamente abrir espaços para diferentes tipos de leitura.

Quanto ao “como” proceder do professor sugere Kleiman (1989) que ensinar a ler é criar uma atitude de expectativa prévia com relação ao conteúdo referencial do texto, isto é, mostrar a criança que quanto mais ela previr o conteúdo, maior será sua

compreensão, é ensinar a criança a se auto-avaliar constantemente durante o processo para detectar quando se perde o fio da meada, é ensinar a utilização de múltiplas fontes de conhecimentos lingüísticos, discursivos, enciclopédicos, para resolver falhas momentâneas no processo”. Diante desta idéia, ensinar a ler não é ensinar regras e normas e sim criar uma atitude ágil e de responsabilidade quanto ao texto.

Quando a criança lê, ela usa o seu conhecimento prévio para poder entender o contexto e o conteúdo da história. E também é necessário que se reconheça naquele conteúdo, pois, quanto mais fácil é a sua interpretação.

4.3 A literatura em si

Sabemos bem que em uma sala de aula o professor deve sempre expor e trazer livros para que despertem nos alunos os gostos pela leitura, pois o contato com textos literários é essencial na formação do futuro leitor. Coelho (2004, p.64), diz que:

[...]sabemos que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam a vida adulta sem desenvolver o gosto pela leitura, porque lhes faltam os conhecimentos responsáveis pelo desenvolvimento da sensibilidade para sentir prazer na leitura de um texto escrito.

É na escola que o espaço é aberto para desenvolver essa sensibilidade na criança. A falha na qual tem acontecido porque muitas vezes os professores destes adultos de hoje não fizeram esse trabalho que lhes despertassem.

A literatura abrange vários significados, inúmeros sentidos, pois permite várias formas de leitura. Segundo Garcez (2001, p.12):

[...] a literatura abre caminho para que os leitores façam uma reflexão que pode desdobrar-se em várias camadas: líricas, crítica social, crítica da cultura, depoimento social de costumes de uma época, crítica política, análise psicológica... a literatura assume diversas formas e diferentes objetivos. A literatura infantil é um dos recursos fundamentais do processo para a formação de leitores. Ao ouvir histórias, aumenta o prazer de querer saber e dá asas à imaginação.

O objetivo da prática de leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental é criar possibilidades para o processo efetivo de formação de leitores, e que também é essencial o convívio com os livros literários.

Para estimularem os alunos, os professores devem construir um pequeno acervo de livros literários dentro da sala de aula, observando os textos mais adequados à faixa etária e nível de desenvolvimento da leitura dos seus alunos. Não podemos deixar de salientar que é de extrema importância que o professor conte histórias, pois a criança tem a oportunidade de desenvolver diversas noções a respeito da língua escrita que vão contribuir para o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento.

Enfatiza Garcez (2001) que o convívio com a modalidade escrita revela as diferenças entre a ilustração, o oral e o escrito. Segundo a autora quando as crianças são chamadas a recontar uma história, muitas tentam falar de um modo mais aproximado às estruturas próprias da escrita.

Já para Coelho (2004):

[...] a leitura de livros iniciativas de várias naturezas que devem desdobrar-se em outras atividades, tais como: leitura em forma de jogral, declamação, exposições de versos ilustrados, festivais, concursos literários, elaboração de livros, feira de livros, painéis, pesquisas acerca de escritores...

As histórias provocam uma intensa atividade mental onde a criança ouve ativamente, se comunica com o narrador e os personagens e entra em ação fazendo antecipações, hipóteses, inferências que possibilitam, o desenvolvimento das capacidades de linguagem importantes para a compreensão de textos mais complexos.

As histórias, além de lidas com o livro nas mãos, podem ser contadas espontaneamente, memorizadas, dramatizadas com fantoches, slides, filmes, etc.... É importante variar as estratégias para provocar sempre um interesse renovado, pois todos os dias o professor deve trabalhar com a literatura. Garcez (2001), chama a atenção do professor para o trabalho com textos em versos pois o trabalho assim proposto fica mais lúdico e prazeroso de ser realizado, promove uma percepção mais intensa dos sons da língua. Ao memorizar versos, trovas, quadrinhas, trava-línguas, poemas e cantigas de roda, a criança pode realizar atividades de identificação no texto escrito daquelas palavras conhecidas oralmente.

4.4 Literatura como recreação

Desde as mais remotas eras que o homem se dedicou a passatempos, danças e jogos. Encontramos jogos e danças, fazendo parte integrante de cerimônias religiosas,

afetivas, cívicas e guerreiras. A recreação nasceu com o homem e vamos encontrar brinquedos e jogos nos povos mais primitivos.

Quando falamos de recreação, não podemos fugir àquela palavra que está tão em moda hoje em dia: comunicação. Recreação é comunicação. Nada aproxima mais os homens uns dos outros do que a recreação.

Segundo Gouvêa, no seu excelente livro, “[...]a recreação consiste no espaço, na ligação com a criançada da vizinhança, as festas de ligação em famílias, a alegria da vida em bando, associados à confiança que nos é garantido pelo amor”. Nesta comunicação consiste o que ela entende pôr recreação. E vemos também que a recreação já começa no lar, no seio da família.

Recreação é qualquer atividade em que a atitude mental do executante seja criança ou adulto, se caracteriza pelo prazer, liberdade na execução e tendo em vista um fim, na própria atividade.

As crianças que brincam de "pique" pôr imposição do professor, estão fazendo tudo, menos brincando. Mas, se são elas que escolhem o próprio brinquedo junto os companheiros, então estão realmente se divertindo. A recreação se caracteriza sempre pela liberdade e pelo prazer. Às vezes, até uma atividade que poderia ser um trabalho para uma pessoa constitui uma recreação para a outra, pois ela o faz com prazer.

Nas atividades recreativas, o ser humano encontra sob forma lúdica de vida que, diariamente, não chega a realizar de modo suficiente.

Recreação é, portanto, tudo quanto diverte e entretém o ser humano e que envolve a sua ativa participação. Nada melhor do que uma boa leitura pra mexer com a imaginação do leitor. E o nosso trabalho é tanto mais proveitoso quanto mais jogo ele for para nós. Pôr isso aquele que executa o trabalho de sua vocação, o trabalho que realmente escolheu, encontra momentos de recreação que constituíram tarefa enfadonha para outros profissionais do mesmo ofício.

A estória que é uma das formas mais importantes de recreação deve ser curta para as crianças menores e, usando-se pessoas e seres do seu meio familiar. Os animais que falam, o ritmo, as frases rimadas, repetidas e acumuladas são os elementos que devemos usar nas histórias para os pequeninos.

Nas escolas, podemos fazer dramatizações usando histórias não só de autores conhecidos da nossa literatura, como também os clássicos de Perrault, Andersen, Grimm, e vários outros escritores antigos, assim como histórias folclóricas, principalmente

as de bichos onde as próprias crianças confeccionam máscaras, dando assim força à dramatização.

Fantoches e marionetes poderão ser feitos pelas próprias crianças que apresentaram as histórias selecionadas pôr elas e pela professora ou criadas pela própria criança.

O cinema é outro recurso para fazer a criança a penetrar na literatura. Desenhos animados e comédias simples e curtas poderão ser usados.

Além do cinema, a literatura poderá ser transmitida como recreação através da televisão. Infelizmente, quase nada está sendo feito nesse sentido entre nós. Pelo contrário, a TV quase que só tem dado à criança o que é prejudicial: violência, sexo e estórias importadas que não são nem ao menos adaptadas às nossas realidades. Salvo um ou outro desenho animado principalmente os de Walt Disney e alguns de ficção científica, o restante é programação abaixo da crítica.

4.5 A prática da literatura de acordo com os PCNS

É importante que o trabalho com o texto literário esteja incorporado às práticas cotidianas da sala de aula, visto tratar-se de uma forma específica de conhecimento.

A literatura não é cópia do real, nem puro exercício de linguagem, tão pouco mera fantasia que se asilou dos sentidos do mundo e da história dos homens.

A questão do ensino da literatura literária envolve portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tratá-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do prazer do texto, etc. Postos de forma descontextualizadas, tais procedimentos pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos a extensão e a profundidade das construções literárias.

O trabalho com literatura tem como finalidade a formação de leitores competentes, e conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos

eficazes tem sua origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e fonte de referências modelizadas. A leitura, por um lado, nos fornece a matéria – prima para a escrita: o que escrever. Por outro, contribui para a constituição de modelos de como escrever.

É preciso saber algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler.

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras, pois outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto, de que o significado está dado no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. É necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos.

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura, que não se restringem apenas aos recursos materiais disponíveis, pois, na verdade, o uso que se faz dos livros e de mais materiais impressos é o aspecto mais determinante para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura.

4.6 Dificuldades e facilidades do professor para trabalhar com a literatura infantil

Como vem sendo abordadas desde o início deste trabalho, as habilidades de desenvolver o gosto pela leitura de livros literários, a aquisição de sensibilidade para despertar a fantasia, a imaginação estimulando os valores morais, sociais e a pluralidade cultural das nossas crianças depende em grande parte do trabalho desenvolvido pelo

professor no dia-a-dia escolar, explorando as diversas fontes e instrumentos da literatura infantil.

Dessa forma, no decorrer deste trabalho, ou mesmo no início do mesmo o professor encontrará infinitas possibilidades, contribuições e facilidades para oportunizar momentos de explorar a Literatura Infantil no trabalho docente:

- receptividade da criança em lidar com o mágico, o imaginário, o lúdico das histórias infantis;
- oportunidade de ter no espaço escolar um satisfatório número de livros literários (biblioteca, caixa-estante...);
- rico material lingüístico, trazido pela criança por meio das histórias que ouve na literatura oral da família;
- vastos recursos, histórias e lendas do folclore brasileiro.

Nessa caminhada, o professor poderá esbarrar-se com algumas dificuldades:

- falta de apoio familiar para dar continuidade ao estímulo para o prazer de ler;
- bagagem tradicionalista que muitos educadores trazem muitas vezes sem perceber, onde crêem que escola é para trabalhar exercícios e transmitir conhecimento;
- desvalorização dos valores da arte da língua literária por parte da sociedade como um todo;

É preciso enfrentar as dificuldades que sejam econômicas, sociais e mesmo filosóficas que professores e alunos encontram para reacender o prazer de ler um livro, de assistir a um bom filme, de ir ao teatro, de freqüentar uma feira de livros, de trazer para a escola a Literatura Infantil, ou mesmo reencontrá-la dentro desse espaço de cultura, de lazer, entretenimento e transformação social. Como ressalta Douglas Tufano: “... a exploração da literatura não dá respostas para nossos problemas, mas ajuda-nos a pensar sobre eles, estimulando-nos a refletir. E isso nos ajuda a amadurecer, a crescer e agir.”

Se nós professores estivermos empenhados em desenvolver o hábito de leitura em nossos alunos o leitor modelo (o professor), deverá ter em mente algum conhecimento sobre as obras que irá ler repassando assim:

- mais entusiasmo passará aos seus alunos, se realmente falar narrativas com segurança:
- a simples situação de sala de aula em que contamos uma história eu lemos pode transformar para a criança, uma verdadeira contação desse fato, pelo encantamento que produzirá nela:

- se torna fundamental recomendar ao aluno aquelas histórias que, de fato conhece, pois se um aluno interpreta equivocadamente uma determinada personagem, como o professor poderá reverter esse entendimento se não conhece o personagem e seu contexto?
- Conquistando a criança para o hábito de ler, você terá um aluno que escreve com mais criatividade e com maior facilidade (ortografia, pontuação e concordância), mesmo sem conhecer as regras.

Lembramos também, que o professor deverá levar em conta, ao fazer uma certa classificação de obras destinadas a seus alunos, não só o fator faixa etária, ou fases, mais principalmente o fator comportamento do aluno, visto que a leitura da literatura estará pautada por uma construção de valores. O aluno estará lendo e se lendo, sendo essa atividade que dará sentido ao mundo do leitor.

Compete ao professor o papel de ser mediador entre o texto e o leitor iniciante, colaborando na compreensão particular de cada aluno e não o papel de impositor de uma interpretação única, ignorando a percepção do aluno. Assim, o que se propõe é que nós professores relacionemos o texto com sua época e produção (em uma relação com o texto histórico/ história narrada) e que perceba no texto um conjunto de juízes crítico que se acumulam na obra (valores, crenças, visões de mundo, etc.)

Compreendemos, com Olinto (1995), que “a leitura é como uma rede de múltiplos processos imperativos e instáveis a oferecer uma análise ao próprio ato da leitura”. Diante disso, nós, professores, devemos observar se nosso aluno poderá fazer consciente ou inconscientemente das situações narradas com os fatos vividos, devendo estar atentos para isso.

Devemos estar atentos para a importância de nosso trabalho com a literatura-ficção, prosa, realidade, fantasia, imaginação, verdades e mentiras em sala de aula. Por isso, é importante refletir como interagirmos nesse ou com esse universo.

Tão importante quanto dar mais recursos a nós professores, e às escolas, é reforçar os estudos das artes, da literatura, do cinema, da poesia não como objetos apenas formais e científicos, mas como práticas de vida como processos criadores, como linguagens e passaportes necessários para a inserção social. As linguagens da arte da literatura e do lúdico, e das mídias na escola podem e devem estar articuladas à produção de conhecimento como processo criador buscando a poética do cotidiano e a

beleza nas pequenas coisas: na fala, no pensamento, no gesto, no olhar, no movimento, na arte de ensinar e aprender.

CONCLUSÃO

A leitura é um veículo de informação, é uma forma de praticar a cultura. Não podemos esquecer que a infância apresenta várias fases e que devemos considerar a multiplicidade de motivações que estejam de acordo com os interesses de cada um.

O livro infantil não significa apenas um texto e uma ilustração. Ele permite grande variedade de atividades que nem sempre são exploradas.

A má formação dos profissionais da educação, pode ser uma desculpa para não estarmos bem preparados para desenvolver o assunto, mas tendo acesso aos PCNs, conversando com os colegas para trocar algumas experiências, discutindo em grupos, participando de palestras ou simplesmente lendo um livro, podemos descobrir as maravilhas e necessidades de se trabalhar a literatura infantil com nossos alunos. Sendo assim, devemos nos manter atualizado com os avanços pedagógicos e tecnológicos na nossa profissão, para trabalharmos com as diversas linguagens e os mais variados tipos de textos, lembrando sempre de observar a realidade do nosso aluno para que a leitura possa Ter um significado maior em sua vida escolar.

Estamos vivendo em uma época em que os meios de comunicação são os mais diversos, variados e rápidos, o que nega qualquer possibilidade de um professor não Ter acesso ao conhecimento fundamental e básico sobre a importância da leitura em sala de aula.

A literatura infantil tem um importante papel no processo de ensino aprendizagem, pois contribui para o crescimento e amadurecimento do ser humano e possibilita a aquisição de novos conhecimentos. Devemos buscar a formação de um leitor para toda a vida. Vale lembrar que os investimentos feitos para formar o leitor crítico no princípio do processo educacional, surtirão efeitos ao longo da vida de cada uma das crianças.

Estamos agora concluindo o curso de Pedagogia, que no nosso ponto de vista, deveria se tornar obrigatório a todos que se encontram em sala de aula, pois o mesmo nos possibilitou visões mais amplas em relação à nossa prática pedagógica, propiciando aulas muito mais enriquecidas e produtivas, com excelentes resultados obtidos.

Através dos estudos feitos durante esse curso, conseguimos compreender e fazer com que nossos alunos se percebam como sujeitos transformadores e capazes de construir caminhos sólidos exercendo seu papel de cidadão informado, crítico e questionador, visto que este papel deve começar desde muito cedo na vida de uma criança. É através da leitura que as crianças vão percebendo a importância das letras, dos livros, e vão percebendo as possíveis mudanças que estes podem fazer na vida de qualquer ser humano.

Cabem a nós, professores, possibilitar essa convivência da criança com os livros, com o mundo da leitura.

Dessa forma, espera-se que este trabalho não sirva simplesmente como mais um trabalho acadêmico, mas como um instrumento de pesquisa capaz de despertar em estudantes e profissionais da educação, uma reflexão a respeito da prática pedagógica no desenvolvimento da aprendizagem do indivíduo.

Finalizamos esse trabalho com satisfação, destacando a importância da disciplina aplicada “Literatura infanto-juvenil”, que nos deu uma maior ênfase para o trabalho realizado, com o objetivo de sermos educadores-transformadores da realidade brasileira, e de trazer a leitura através da literatura infantil, para o contexto diário dos alunos, como agente transformador na vida das crianças.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Maria Lúcia. **Criança é criança** – literatura Infantil e seus problemas. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- BELINDY, Tatiana. **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado livre, Série novas perspectivas 3, 1982.
- BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fada**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- CADEMARTORI, Lúcia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil**. São Paulo: Quíron LTDA, 1981.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida**. São Paulo: Peirópolis, 2000 (Série nova consciência).
- GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. 2 ed., São Paulo: Pioneira, 1991.
- MACHADO, Ana Maria. **Entrevista concedida à revista Nova Escola**, nº 145, Mais que alfabetizar, p.20-22, setembro de 2001.
- OLIVEIRA, Jorge Leite de. **Texto acadêmico** – Técnicas de redação e de pesquisa científica. Rio de Janeiro: Vozes, 2005
- OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura prazer: Interação participativa da criança com a literatura infantil na escola**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1995.
- ORIENTAÇÃO para a realização do trabalho de conclusão de curso – TCC. Brasília: 2005.
- PEDRON, Ademar João. **Metodologia científica: auxiliar do estudo, da leitura e da pesquisa**. 4. ed, Brasília: Edição do autor, 2003.
- PAULINO, Graça. **O jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Dimensão, 1997.
- SOUZA, Malu Zoega de. **Literatura juvenil em questão**. São Paulo: Cortez, 2001, Vol 8.
- ZILBERMAN, REGINA. **A Literatura Infantil na Escola**. São Paulo: Global, 1985.